



REINO UNIDO

A um passo de ser premiê

Andy Burnham, ex-prefeito da Grande Manchester, assume a liderança do Partido Trabalhista e finaliza preparativos para ocupar o cargo de primeiro-ministro na segunda-feira. Em discurso, defende fim das divisões internas e do faccionalismo

» RODRIGO CRAVEIRO

Às vésperas de se tonrar o novo inquilino do número 10 de Downing Street, Andy Burnham assumiu a liderança do Partido Trabalhista com um objetivo: combater as divisões internas e a política de facções. Aos 56 anos, o ex-prefeito da Grande Manchester deverá ser oficializado primeiro-ministro do Reino Unido na próxima segunda-feira, durante uma tradicional reunião com o rei Charles III.

“É a honra da minha vida ser o líder do Partido Trabalhista. Serei o líder de cada região e nação neste grande país. Este Partido será assumidamente trabalhista em nossas prioridades e nas decisões que tomarmos. Juntos, colocaremos a Grã-Bretanha em um novo caminho”, prometeu, em publicação na rede social X.

No discurso de posse, Burnham prometeu restabelecer a união partidária. “Trabalharei incansavelmente para construir uma cultura de unidade no Partido Trabalhista, pois a mudança começa por nós. Não venceremos a nova direita britânica se estivermos consumidos por disputas internas e agindo em direções opostas”, declarou o próximo primeiro-ministro.

Integrante da ala mais à esquerda do partido, Burnham advertiu que o faccionalismo tem prejudicado os trabalhistas e avisou que se esforçará para construir uma “nova política”. “O país clama por isso. Nós podemos até gostar de marcar pontos contra os adversários, mas o público não gosta. Como os políticos podem apontar o dedo uns para os outros quando o padrão de vida está caindo e a política, como um todo, não está funcionando para as pessoas?”,

Henry Nicholls/AFP



Andy Burnham (C) sorri ao lado de sua esposa, Marie-France van Heel (D), logo depois de ser confirmado para comandar os trabalhistas

questionou. “Estamos unidos e colocamos a força que emana desta unidade a serviço das pessoas e dos territórios que há muito tempo esperam que a política os devolva a esperança, e isso é o que vamos fazer, todos juntos. Vamos devolver-lhes a esperança.”

Ele defendeu a “coragem para corrigir grandes questões negligenciadas pela política” e cobrou um discurso político “menos tóxico”. O

tom de Burnham mostrou-se inclusivo e agregador: “Trabalharemos com outros partidos onde pudermos, mas faremos isso com a clareza de saber exatamente qual é a nossa posição.” Burnham acenou com mudanças na condução do Reino Unido. “Se quisermos uma economia e um país que funcionem para todas as pessoas e todos os territórios, precisamos de um novo rumo.”

Gabinete

O líder do Partido Trabalhista pretende anunciar o gabinete somente na segunda-feira. Ao ser perguntado o motivo pelo qual ainda não havia divulgado sua equipe de governo, Burnham respondeu: “Seria um tanto prematuro e, creio eu, causaria um caos total começar uma reforma parcial da equipe antes mesmo de

assumir o cargo.” Entre as propostas de governo, estão o início de um amplo processo de descentralização, como forma de promover o crescimento econômico. Nesse sentido, ele quer passar o controle de setores estratégicos — como transporte, habitação, capacitação profissional e desenvolvimento — às autoridades locais. Mas a ânsia por transformações esbarra na estagnação



É a honra da minha vida ser o líder do Partido Trabalhista. Serei o líder de cada região e nação neste grande país”

Andy Burnham, futuro chefe de governo britânico

da economia e em altos custos de financiamento para o governo.

Professor emérito da Universidade de Buckingham, Anthony Glees explicou ao **Correio** que Burnham sabe como discursar e ofereceu uma mensagem de esperança, ao contrário de seu antecessor. “Suas duas grandes promessas — criar um novo serviço nacional de assistência e reverter o thatcherismo (referindo aos ‘40 anos perdidos’) — provavelmente não passam de palavras vazias, pois ele não dispõe de recursos para tomá-las concretas”, disse. O estudioso lembra que a ala esquerdista do Partido Trabalhista aprecia essas promessas e sente que ganha força internamente. “É dessa maneira que ele pretende acabar com o faccionalismo interno”, comentou. “Ele também busca conquistar a esquerda ao adotar uma postura mais crítica em relação a Israel. Duvido que a ideia de aumentar impostos para financiar uma maior intervenção estatal na economia seja bem recebida pelos eleitores. Receio continuar cético quanto a isso.”

ESTADOS UNIDOS-CHINA

Pequim reage a acusações de Trump

O governo da China desqualificou as denúncias feitas pelo presidente dos EUA, Donald Trump, de que chineses teriam comprado 220 mil arquivos de eleitores americanos depois das eleições de 2020. De acordo com o republicano, Pequim promoveu “o maior ataque hacker a dados eleitorais da história” e tentou “produzir cédulas ilegais em favor de Joe Biden”. “Dezenas de milhões de dados de eleitores em 18

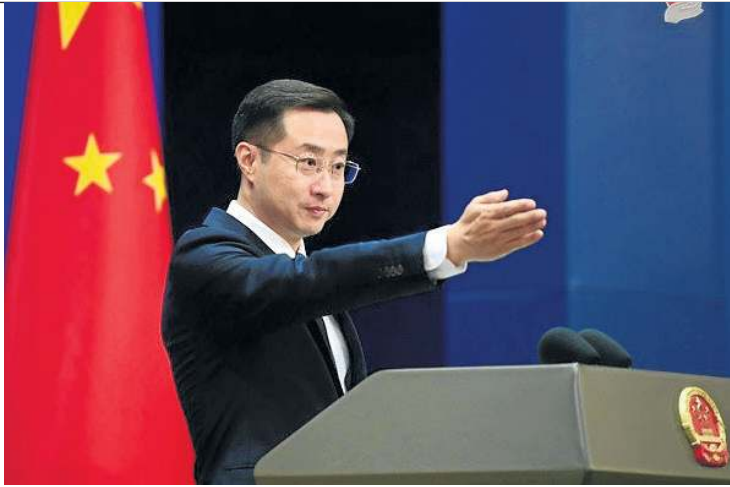
estados foram comprados, roubados ou hackeados pela China. (...) O governo chinês queria que o presidente dos EUA perdesse a próxima eleição. E a razão pela qual queriam que eu perdesse é que sabiam que eu estava atento às manobras deles”, disse Trump, na noite de quinta-feira.

Porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Lin Jian rebateu: “Trata-se de uma

acusação falsa e de uma grave difamação, há muito comprovadamente infundadas.” A China adere ao princípio da não interferência nos assuntos internos de outros países. Jamais interferimos nas eleições dos EUA e não temos o menor interesse em fazê-lo”, destacou.

Sem citar Washington diretamente, o porta-voz sublinhou que “o mundo tem testemunhado quem, de fato, interferiu de forma

arbitrária nos assuntos internos de outros países; realizou por longo tempo vigilância sobre governos, empresas e público em geral em todo o mundo; e capturou volumes massivos de dados de cidadãos estrangeiros”. “Instamos os EUA a refletirem sobre sua conduta, a pararem de difamar a China e de usá-la como alvo para fins eleitorais, e a agirem de maneira a favorecer as relações entre os dois países.”



Lin Jian, porta-voz da chancelaria chinesa: “É uma falsa acusação”

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

Plano de jogo contra o tarifaço

A tática para enfrentar a nova ofensiva de Donald Trump na guerra comercial está definida, com o Planalto no ataque e o Itamaraty na defesa. A diplomacia profissional trata de desarmar os adversários, com reforço da área técnica do governo, enquanto o presidente joga avançado e busca os arremates. Afeito às imagens do futebol, Lula deve explorar as brechas na linha montada pela Casa Branca em dois flancos. Na frente externa, tabelando com parceiros comerciais alternativos — prioritariamente no âmbito do Brics, em especial com a China. Com a União Europeia, a despeito do acordo recém-firmado via Mercosul, o entrosamento ainda deixa a desejar.

No terreno doméstico, as ações estarão concentradas na campanha pela reeleição. As primeiras pesquisas sugerem que Flávio Bolsonaro marcou gol contra por ficar associado ao tarifaço. É de esperar que o

tema seja martelado com insistência pela equipe governista, aproveitando os bons números da economia e a subida nos índices de aprovação entre os eleitores.

Como demonstraram os lances decisivos da Copa, que terá o último ato amanhã, o jogo só termina no apito final. Na disputa pelo Planalto, a bola vai rolar, no mínimo, até 4 de outubro. Com boas chances de mais duas semanas de prorrogação.

Cartão amarelo

O contencioso comercial foi um dos assuntos da sabatina a que foi submetido, no Senado dos EUA, o escolhido de Donald Trump para a embaixada em Brasília — sem titular desde seu retorno à Casa Branca, em janeiro de 2025. Partiram da oposição questionamentos ao novo tarifaço, confirmado na véspera.

Daniel Pérez, que preside a Câmara estadual da Flórida, é trumpista de pedigree, mas com experiência política limitada. Diante dos senadores, deu aval prévio à lisura das eleições de outubro no Brasil. Agora, aguarda confirmação em comissão e plenário, mas depende ainda do agrément, que passa por avaliação do governo brasileiro.

Não é costume recusar um indicado, mas também foge à praxe diplomática indicar um embaixador sem consulta prévia ao país de destino — procedimento ignorado pela Casa Branca. Mesmo que aprovado por lá e aceito por aqui, o escolhido de Trump entrará em campo já com cartão amarelo.

Bem me quer...

O Brasil esteve entre cerca de 30

países que participaram, em Xangai, do lançamento de uma organização internacional para cooperação em inteligência artificial. A iniciativa do governo chinês, que aponta na direção de instituir uma governança global na área, foi apresentada e defendida pelo presidente Xi Jinping, durante conferência realizada anualmente para discutir o desenvolvimento da tecnologia.

Em seu discurso, Xi frisou que “nenhum país” deve monopolizar a IA, campo no qual a China disputa a liderança com os EUA — ausentes do fórum, como a União Europeia

...mal me quer

O Brasil foi convidado, mas não enviou representante a Washington, para uma conferência convocada pelo Departamento de Estado para discutir o “ressurgimento do terrorismo de extrema esquerda” — sobretudo nos próprios EUA e na Europa. O anfitrião, o secretário Marco Rubio, enfatizou a

necessidade de “esmagar o comunismo”.

Entre os 60 participantes estavam os governos de extrema direita que chegaram ao poder na América do Sul, nos últimos anos, com apoio público e explícito de Donald Trump.

Mês que vem, Jerusalém

O novo presidente da Colômbia, Abeloardo de la Escriella, é exemplo de amanaque. A um mês da posse, em 7 de agosto, anunciou a retomada dos laços com Israel, rompidos pelo antecessor, o ex-guerrilheiro de esquerda Gustavo Petro, em resposta à matança de palestinos em territórios ocupados por Israel desde a guerra de 1967.

A semanas de tomar posse, na primeira semana de agosto, De la Escriella promete transferir a representação para Jerusalém, sagrada para judeus, cristãos e muçulmanos. Anexada por Israel, sem reconhecimento internacional, a metade oriental (árabe) da cidade é pretendida como capital de um futuro Estado palestino.